

## “SÓ POR HOJE”

Luciane Thomé **SCHRÖDER \***  
UNIOESTE

**Resumo:** Este estudo tem por objeto de análise um fragmento do panfleto temático “Só por hoje” utilizado pelo grupo de apoio a familiares de viciados em drogas. Objetiva-se mostrar como o discurso do grupo prega o poder da espiritualidade, entendida nesse estudo como uma prática individualista, interdiscursivamente marcado por uma posição enunciativa de orientação cristã, revelando seu pertencimento a uma memória sócio-histórica e ideológica.

**Palavras-chave:** Memória; historicidade; discurso.

**Abstract:** This study has the objective of analysing a fragment of the thematic pamphlet “Just for today” used by the support group for drug addicts’ families. The aim is to show how the discourse of the group preaches the power of spirituality, understood in this study as an individual practice, interdiscursively marked by an enunciative posture of Christian orientation, revealing its belonging to a sociohistorical and ideological memory.

**Key-words:** Memory; History; Discourse.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. É docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon. Contato: [Itschröder@brturbo.com.br](mailto:Itschröder@brturbo.com.br).

## Introdução e contextualização

*Só por hoje não terei medo.  
Especialmente não terei medo de apreciar o belo  
e de acreditar que à medida em que eu der ao mundo,  
o mundo me retribuirá.*  
(Fragmento do panfleto “Só por Hoje”)

Inicia-se este estudo com uma breve contextualização sobre o espaço enunciativo do objeto tomado para análise: ele pertence ao grupo de apoio a familiares de adictos, ou seja, familiares de dependentes químicos. Esses familiares são qualquer pessoa que tenha convívio com usuário de droga, sejam eles seus pais, irmãos, esposo (a), namorado (a) ou, ainda, um amigo. A busca por um grupo de apoio se deve ao fato de que tais pessoas, ainda que não sejam usuárias de droga, têm suas vidas afetadas emocionalmente pelo convívio com o adicto. Pode-se afirmar que a convivência com um viciado em droga leva aqueles que com ele convivem ao desenvolvimento de traumas e problemas de convívio sociais, tornando-se co-dependentes da droga, ainda que nunca tenham experimentado qualquer tipo de entorpecente. Essa co-dependência se revela, porque que a pessoa vive e sofre das mesmas aflições do drogado, sendo impedida de levar uma vida *normal*. Aos poucos, para citar alguns exemplos, assim como ocorre com o dependente químico, as pessoas da sua convivência também perdem laços de amizade, a vida profissional tem seu desempenho afetado, problemas financeiros surgem em razão de gastos provocados pelo viciado (seja com o pagamento de dívidas que o usuário da droga faz ou com internamento do adicto em clínicas de recuperação), o sono passa a ter seus horários comprometidos pela chegada e saída do drogado na casa (que, literalmente, troca os dias pelas noites), os vínculos do núcleo familiar *rígido* ficam fragilizados, quando não são rompidos: enfim, os interlocutores do discurso em estudo pertencem ao quadro complexo de condições que se parte como o contexto *imediato* de produção do discurso. Esse discurso tem, portanto, um locutor específico, ainda que figure em outros espaços,

como o de Alcoólicos Anônimos (A.A.) e Narcóticos Anônimos (N.A.); vale lembrar as apropriações feitas da *Oração da Serenidade* que é utilizada pelos mais distintos grupos.

Sobre o panfleto “Só por hoje”, ele faz parte das leituras sugeridas para todos os grupos Familiares Nar-Anon, cujas salas se encontram espalhadas pelo país e exterior. Além desse material que funciona como uma espécie de pauta temática para as reuniões semanais de grupo, ainda podem ser encontrados livros e livretos produzidos e publicados pelo próprio Nar-Anon. Seus materiais são distribuídos gratuitamente para as pessoas que desejam abrir uma sala e, posteriormente, havendo o interesse de algum membro em adquirir as leituras, isto é feito pelo coordenador do grupo por meio do escritório central do Nar-Anon ou pelo seu endereço eletrônico (muitos dos textos do Nar-Anon estão disponíveis no site oficial da entidade).

Neste artigo, em relação ao panfleto, objetiva-se mostrar, como os enunciados de “Só por hoje” se ancoram em discursos oriundos de outros discursos - ou seja, o discurso do “Só por hoje” é atravessado polifonicamente - o que mostra a impossibilidade de pensar a prática discursiva como origem em si, uníssona e a-histórica, assim como ela pretende se apresentar. Deseja-se problematizar as implicações que uma leitura que ignora os processos de formação dos discursos pode acarretar, sobretudo em relação aos efeitos de sentido que emergem da materialidade discursiva do objeto. Os discursos devem ser pensados à luz das suas condições de produção e como estando à mercê da memória e da história que, antes mesmo de serem ditos, encontravam-se enunciados em outro lugar. Entende-se, portanto, que não existe o sentido, mas efeitos de sentido, e estes nunca são rígidos; eles se deslocam e se movimentam, dependendo dos espaços enunciativos onde são proferidos.

Dessa forma, pode-se dizer que o discurso que se deseja não religioso, às vezes, é; o democrático é antidemocrático; aquele que se diz espiritual se reveste de uma prática individualista. A fim de refletir sobre isso, coloca-se o *corpus* sob a assunção de duas hipóteses, sendo a primeira fruto de uma reflexão anterior, que

diz respeito ao fato de o Nar-Anon ser um grupo “espiritual, porém não religioso”. Essa forma de autorreferenciar-se como um espaço democrático, que independente de credos religiosos particulares, permite ao grupo acolher a qualquer um que procure por uma sala de reunião Nar-Anon, o que tem suas implicações (mas cujas reflexões não fazem parte desse estudo).

Ligado a esse fato, centra-se a análise sob a hipótese de que, sob a pretensa bandeira de orientação espiritual da auto-ajuda, há um discurso marcado pelo individualismo e pelo egocentrismo presente nas entrelinhas da orientação espiritual que ele objetiva dar ao seu membro. Frente à base cristã que se deseja apagar, mas que, interdiscursivamente, está presente, um paradoxo se impõe: na prática parafrástica do já-dito, porém esquecido, irrompe um discurso não mais espiritual nem de apoio, mas de uma auto-ajuda negligente ao problema do outro, ainda que quem faça uso da prática discursiva expressa nos textos do Nar-Anon o negue veementemente (fato compreensível).

### **1 Orientação Teórica**

A fundamentação teórica deste estudo segue os princípios da Análise de Discurso de orientação francesa. Para a teoria, pensar a prática de interpretação dos discursos requer do analista o entendimento de que a materialidade linguística não traz inscrita o único ou o verdadeiro sentido para os discursos enunciados. O que se tem são efeitos de sentido, frutos de uma pretensa intencionalidade, que é entendida como vigiada e afetada pelas condições exteriores do discurso, que são as condições de produção. Tem-se, portanto, que

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., ‘não existe em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é,

---

---

reproduzidas) [Enfim] *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam* (PÊCHEUX, 1997a, p. 160 – grifos no original).

Seguindo os pressupostos do autor, “os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (p. 161), o que se aplica aos processos discursivos engendrados pela instituição Nar-Anon sob a bandeira de uma pretensa autonomia discursiva, em que “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada” (op. cit.) é assumido como prática discursiva *do* Nar-Anon. O enunciado “Só por hoje” traz uma memória social que vem dada pela história particular de aparição do Nar-Anon. Com isso, anula-se a hipótese de que alguma escolha coubesse ao grupo sobre o que dizer ou ao modo como o dito devesse ser dito, por se tratar de uma instituição oriunda de outra e que, por sua vez, também teve sua criação atravessada pela ideologia de seu tempo. Causa e efeito de uma ideologia a que está exposto, o discurso é uma representação de outro discurso que esconde sob as suas palavras já ditas. A servidão a que se coloca o discurso em questão (“*apoiar a familiares de drogados em aflição*”) é deslocada para um grau menor de preocupação, para centrar-se no “eu”, como demonstram as análises. Trata-se de uma estrutura ausente, uma memória que não se ocupa de dizer “eu me faço presente em você, mas aviso que não sou você, apesar de me confundir com você por meio do discurso que você enuncia, pensando ser seu, mas que não o é”. A esse processo, Pêcheux (na mesma obra e página acima citada) chama de “domínio de pensamento”, ou seja, “aquilo que se constitui sócio-historicamente sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito, *com*, simultaneamente, aquilo que lhe é dado **ver, compreender, fazer, temer, esperar**, etc.”. (grifos meus).

No discurso em estudo, tem-se uma história anterior que remete aos co-fundadores do A.A., que tinham, como primeira

meta, a preocupação de se manterem sóbrios. No momento em que perceberam que a própria sobriedade estava na mão do outro (ao manter o outro sóbrio, mantinha-se a si próprio), uma guinada histórica reverteu vidas fadadas ao fracasso em sucesso. Porém, teve seu custo: precisar do outro. Engendra-se, então, o discurso de apoio ao outro, de um alcoólatra que ajuda a outro, o que se reveste do efeito de generosidade e bondade para com o próximo, encobrendo uma prática individualista e egocêntrica (sem que se tenha consciência disso). Nesse sentido, faz-se referência ao estudo de Cortina (2008, p. 108) sobre a prática do individualismo no discurso da auto-ajuda “como reflexo do narcisismo social reinante”.

Como o discurso do Nar-Anon foi apropriado do A.A. (cuja brevidade de sua história exposta acima, ainda que peque por omissão de dados e fatos, acredita-se, permite ao leitor visualizar minimamente a idéia do programa), ter-se-ia, também, no grupo do Nar-Anon esse objetivo de questionável valor moral: para que o grupo exista, é preciso familiares em aflição, sendo ele o portador de um mal necessário para que o outro se sinta melhor (no mínimo, confortado diante do fato de não ser a única vítima de uma situação), frente à boa ação voltada ao outro que se traduz em benfeitoria própria.

Há, portanto, no discurso em análise, interstícios que permitem que se fale na sua opacidade, sendo a memória o que lhe dá condições de existência compreendida como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... [Enfim], um espaço de deslocamentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56); de polêmicas, sobretudo. Assumindo em “Só por hoje” seu caráter de acontecimento, pode-se afirmar o que o discurso do Nar-Anon “imerge uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc – isto é, uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável” (PÊCHEUX, 1997b, p. 23).

Seguindo esse viés conceitual é que a análise será efetuada: considerar-se-á que não há produção de sentidos sem que, no discurso produzido, uma memória sócio-histórica e ideológica se encontre intrinsecamente e cujos efeitos de sentido sejam compreendidos por consideração aos espaços de interlocução, no caso, entre os membros do Nar-Anon e a sua literatura.

## 2 A Análise

O enunciado “Só por hoje”, que funciona tanto como tema quanto como termo-chave do discurso em estudo, é representativo para os grupos de apoio como A.A., N.A. e Nar-Anon. Seu uso remonta à origem do A.A., que o utilizava (e ainda o utiliza) como lema para descrever uma situação em que, no caso, o alcoólico em recuperação não podia “prometer” que nunca mais beberia, mas poderia, por outro lado, comprometer-se com “aquele dia”. “Só por hoje” significava uma meta possível de ser alcançada e se tornava uma estratégia que poderia afastar a pessoa permanentemente do vício. “*Um dia de cada vez*”: era por meio desse lema que se estruturava e funcionava o programa de A.A., incorporado por distintos grupos que passaram a seguir os preceitos expostos no programa, a exemplo do Nar-Anon.

Feita essa breve referência, volta-se o olhar para o enunciado em análise, observando-se as condições de uso em que ele foi apropriado, ou seja, como fazendo parte dos textos para a reflexão de familiares de drogados, quer dizer, de pessoas que convivem com o usuário de drogas e que sofrem com o problema gerado por essa convivência. Deve-se lembrar que essas pessoas reúnem-se semanalmente a fim de trocarem experiências e refletirem sobre certos temas à luz dos textos do Nar-Anon, que dizem respeito a problemas em comum que afligem o familiar. Esse espaço enunciativo é o “resultado da associação contingente entre ‘fundo’ e uma ‘forma’; é um acontecimento inscrito em uma configuração sócio-histórica e não se pode dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva” (MAINGUENEAU, 2005, p. 75), pois é ela que garantirá a pretensa

veracidade sobre o que é dito e permitirá o poder de restauração do ânimo dos membros do grupo por meio do discurso.

Dentre as hipóteses que problematizam o discurso em análise, tem-se que ele levaria a práticas de comportamento que poderiam “não ser coerentes” com o que se espera de uma ação espiritual, que se pressupõe baseada na generosidade, considerando que um dos pilares do programa é a “troca de experiências”, o que permite inferir, no mínimo, atos de doação, seja por meio das “partilhas”, seja por ações práticas. Isso se torna um mecanismo persuasivo que trabalha a favor do discurso do Nar-Anon, por ele se voltar sobre a emotividade do outro (seu *pathos*). Ao provocar a “troca” de experiências entre os membros, estes compartilham a própria intimidade frente a um assunto que socialmente, até pouco tempo, era marginalizado (e ainda talvez o seja, mesmo diante da disseminação do discurso sobre ser a dependência de qualquer tipo uma doença a ser tratada, segundo a Organização Mundial da Saúde).

Contudo, “Só por hoje” é revelador de ações individualistas e egocêntricas, sendo os dois termos entendidos como reveladores da conduta “bondosa” a que o discurso visa levar seus interlocutores, conforme a análise procurará demonstrar. Deseja-se, porém, que, ao afirmar a existência de práticas individualistas e egocêntricas no discurso em estudo, não se está relacionando-o às ações tidas como *egoístas*, o que, entende-se, poderia contribuir para a construção de uma imagem negativa sobre o Nar-Anon, coisa que não se deseja. Individualismo e egocentrismo estão sendo concebidos como modalizadores de uma atitude que, margeando a consciência do sujeito, ainda que leve este a pensar estar a serviço do bem do outro, o “usa” para encobrir um bem a si próprio (e isso não é dito, ainda que constitua a essência daquilo que se diz). Não cabe a esse estudo julgar se há uma forma mais ou menos correta de agir (se o discurso é bom ou ruim (cabendo aqueles que fazem uso do mesmo essa decisão)): deseja-se apenas demonstrar, por meio do recorte que seguirá e sua análise, como esse discurso significa e quais são os efeitos de sentido em relação às suas condições de produção.



Retomando o ponto de vista sobre as práticas de individualismo e egocentrismo que se dizem estar presentes no discurso, ele é afirmado, em primeiro lugar, em razão da existência de um “eu” que se sobrepõe a um nós. Como, neste caso, refletir sobre um discurso que se diz de apoio ao outro (o Nar-Anon intitula-se um grupo de apoio), mas cujas ações se voltam ao próprio sujeito? Que sentidos atribuir a essa concepção sobre a “auto-ajuda”? Que homem e sociedade se representam nesse discurso? Haveria “um lobo em pele de cordeiro”? Quer dizer, os princípios da auto-ajuda gerariam outros efeitos de sentidos não desejados (sequer pensados por ela)? Seria o programa do grupo Familiar Nar-Anon (em consequência o do A.A. e do N.A.) instauradores de práticas individualistas e egocêntricas? Encontra-se nesse discurso, citando Pêcheux (1997a, p. 155), aquela forma de verdade que não se deseja “ver”, mas que revela uma “‘evidência’ da identidade oculta que (...) resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, ‘estranhamente familiar’”??

O discurso do “Só por hoje” é composto de nove estrofes que dizem como o sujeito deve se conduzir pela vida, mesmo diante da adversidade de conviver com um viciado em droga. Por razão de espaço, tomar-se-á apenas uma das estrofes, a fim de buscar refletir sobre o objetivo exposto no início do texto: analisar como, interdiscursivamente, o discurso em questão é constituído e que efeitos de sentido ele gera a partir das suas condições de produção:

*Só por hoje exercitarei minha alma de três maneiras: farei bem a alguém, sem me identificar, se alguém souber, não terá valor. Farei ao menos duas coisas que não tenho vontade – apenas como exercício. Não demonstrarei a ninguém que estou magoado, posso até estar, mas só por hoje não o demonstrarei.*

A primeira questão a se pensar diz respeito ao termo “alma”, que permite leituras diferenciadas, dependendo do espaço enunciativo em que é empregada. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2006), é necessário perguntar-se “*de que alma se trata?*”, ao se querer

falar dela, devido às diversas concepções que sustentam as explicações para o termo. Contudo, para os propósitos desse estudo, far-se-á uso da explicação dada por Jung, citada pelos referidos autores. A escolha pela definição psicanalítica junguiana se deve à aproximação do psicanalista e a história de A.A. (de onde provém o discurso do Nar-Anon). Sabe-se que um dos co-fundadores de A.A., Bill Wilson, foi paciente de Carl Jung. A ele, Bill expressou sua gratidão pela orientação que marcou definitivamente a história de A.A. (e subsequentemente de N.A., Al-Anon e Nar-Anon) sobre a necessidade de um “despertar espiritual”, definido por Jung como “um ato de graça ou através do contato pessoal e honesto com amigos, ou ainda através de uma educação superior da mente, ultrapassando os limites do mero racionalismo”.<sup>1</sup> Como se pode constatar, inclusive sobre a definição para o “despertar espiritual”, não existe um consenso.

Para o psicanalista, então, e retomando a pesquisa a partir de Chevalier e Gheerbrant (2006, p. 35), “alma” é entendida como um “conceito de múltiplas interpretações”, que, segundo os autores, “Jung dirá que ela *corresponde a um estado psicológico que deve gozar de certa independência nos limites da consciência [...] (Designa) uma relação com o inconsciente e também... uma personificação dos conteúdos inconsciente*” (grifos no original), daí, poder dizer, retomando o fragmento em análise, “Só por hoje exercitarei minha alma” com relativa autonomia, em que uma “vontade” interior resulta(ria) numa ação real.

Nesse sentido, pode-se falar que existe(ria) uma consciência, um espírito interior cuja existência metafísica deve ser considerada pelos homens, por ser um aspecto do interior que fala à consciência

---

<sup>1</sup> As referências históricas sobre A.A. e ao papel de Carl Jung para a formação de Alcoólicos Anônimos fazem parte da obra **Levar Adiante: a história de Bill Wilson e como a mensagem de A.A. chegou ao mundo inteiro**. Traduzido do inglês com permissão de Alcoholics Anonymous World Service, Inc. 2 ed. São Paulo: JUNAAB (Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil), 1984. A citação feita no corpo do texto encontra-se na página 419.

do indivíduo. Concordando-se com isso e, portanto, com a afirmação de haver a existência de relação do inconsciente que se personifica nas ações que o sujeito tem em vida, recorre-se a enunciados do senso comum que reiteram a existência desse ser que co-existe em cada sujeito; por isso, talvez, não ser estranho enunciar: “*minha alma está inquieta*”, “*entregue sua alma a Deus*”, “*descansa sua alma no Senhor*” ou “*preciso ouvir minha voz interior para saber o que fazer*”. Nesse sentido, “alma” seria uma entidade, sendo que para certos segmentos de orientação espiritual, ela tem uma existência presentificada no mundo dos mortais em que o corpo padece e morre, mas a alma é eterna e, às vezes, “retorna” ao mundo dos vivos (segundo o proposto pela obra pesquisada, às páginas 32 a 36).

Ao contar a história de recuperação de Bill Wilson, o clímax se dá, então, com seu “despertar espiritual”, que acontece num momento de introspecção interrompido pela aparição de uma “luz” muito clara e que, naquele momento, o leva à “consciência” da existência de um *poder superior* (que, no caso, seria uma entidade a quem se poderia ou não chamar de “Deus”, segundo o que consta nas literaturas do grupo). A existência dessa “entidade” significa uma forma de rendição e salvação na crença de que o *poder superior* o devolveria à sobriedade. Esse acontecimento traz consequências para a organização do “discurso da recuperação”.

Retomando o enunciado, “Só por hoje exercitarei minha alma”, este pode significar, então, a possibilidade de um desdobramento que levaria à existência de dois sujeitos em um: o sujeito do corpo físico e o sujeito que transcende a corporalidade, ou, ainda, um *eu* exterior que age e um interior que domina a ação, porque é a alma que conduz à mudança de atitude (o sujeito a exercita), mas é ela, exercitada, que transforma o sujeito em alguém “melhor” (mais humano, bondoso, generoso). Nesse sentido, ela passa a ser mais poderosa que o sujeito mortal (o “eu” é falível, enquanto a “alma” é onipotente); daí, poder-se dizer “olhei para dentro de mim e senti-me feliz”, o que conduz a uma situação de auto-avaliação, de autocontrole e de auto-ajuste: enfim, ter-se-ia, dentro de si o poder para a mudança de atitude. A questão que se

coloca é que, na *ausência* dessa crença, o discurso seria inviabilizado. A “alma” é, e deve ser, pois, a consciência da pessoa animada por um poder superior.

Contudo ele afirma “Só por hoje” a exercitarei, revelando que não se trata de uma tarefa fácil, mas que está no limite aceitável (“só por hoje”), já que mudanças de atitude são sempre um desafio (seja para o alcoólatra, drogado ou familiar). Porém, como foi dito, é “Só por hoje”. Chama a atenção, seguindo a passagem, que o exercício da alma se dará de três maneiras, permitindo a referência à tríade cristã *pai, filho e espírito*, que revela, inconscientemente, por parte de quem enuncia, as vozes cristãs presentes no discurso que, na história de A.A., entende-se, foram incorporadas (ajustadas, quem sabe) ao programa de recuperação.

A primeira das maneiras de exercitar a “alma” implica no enunciado “farei bem a alguém, sem me identificar, se alguém souber, não terá valor”: tem-se nas entrelinhas desse discurso o bem que se faz ou outro, mas que retorna ao seu benfeitor. Esse enunciado está atravessado pela voz cristã que profere “Amar ao próximo” e pelos seus desdobramentos, como “fazer o bem, sem olhar a quem”, vindas do senso-comum, em que se ressalta o anonimato; assim como ocorre com o dízimo e a esmola, que devem ser oferecidos, um para a igreja de Deus, o outro ao próprio Deus na pessoa do próximo, “sem alarde”; do contrário, torna-se mais um ato de arrogância do que de benevolência. Humildade, presteza, generosidade são o conjunto de ações voltadas ao outro, para o bem do outro, para a felicidade do outro, mas que, entende-se, propiciará o maior bem e valor para aquele que as exercita (ainda que isso venha a ferir a crença de quem pratique a ação), porque quem faz o bem “recebe em dobro” (pelo menos assim se deseja). A preocupação com o próprio bem é mascarada pela gratuidade da ação voltada ao outro. Então, essa ação está comprometida com o “eu” e não com o “outro”. Não se pode esquecer que o discurso é enunciado por pais de drogados, já fatigados pelo vício do filho, muitas vezes, desesperançados, mas que podem encontrar na generosidade para com o outro valor para a própria vida. Assim como ocorre em outras situações, em que o alívio para os próprios

males é amenizado pela prática de uma boa-ação. O “outro”, neste caso, torna-se o objeto necessário para que a “alma” seja exercitada e, assim, melhorada. No discurso da auto-ajuda, mesclado por diferentes princípios mais ou menos religiosos, a generosidade mostra-se altruísta. E é isso que se deseja demonstrar: na aparência ingênua de um dizer que enuncia “farei bem a alguém sem que ninguém saiba”, a voz interior do sujeito exaltará seu espírito como que o parabenizando pela atitude. O foco de interesse não é o outro, mas o eu que se orgulha das próprias ações, ainda que no anonimato (o que a dignifica, segundo as leis divinas, ainda mais).

A segunda das maneiras citadas é “Farei duas coisas que não tenho vontade, apenas como exercício”. O sujeito egocêntrico (entendido como um ser “falível” e portador de certo egocentrismo necessário à própria existência, talvez) toma caminhos que lhe sejam bons: abandoná-los em favor do interesse alheio é um desafio que “só por hoje”, segundo o programa do Nar-Anon, pode ser superado. Porém, a cobrança sobre se fazer o que não se deseja é branda: são apenas duas coisas. O exercício da bondade é restringido a um par de ações que, pode-se afirmar, são pouco exigentes. Afinal, fazer coisas que não se tem “vontade” implica em desde não querer levantar cedo da cama como em ter que manter relações com pessoas que não agradam. O discurso simula a impressão de levar o sujeito a ser melhor em virtude das “duas coisas” que realizaria “sem vontade”, o que parece desapego a si, mas que não é. Novamente, ele voltar-se ao outro, não pelo bem dele, mas para o próprio bem. O discurso sustentado pelo Nar-Anon não diz, por exemplo, ao familiar do drogado que foi agredido (por exemplo) que ele busque uma forma de aproximação com o viciado, tomando atitudes que não tem vontade (como ir ao seu encontro quando o desejo é justamente se afastar) e, assim, faça o bem a ele. Talvez isso seja uma exigência muito grande e mais fácil, portanto, é que as “duas não vontades” sejam “qualquer coisa”, o que implica uma garantia de bom resultado, e isso é muito conveniente para o programa. Interdiscursivamente, o discurso é afetado pela condição do “amor a si” *vs.* “amor ao próximo”. Contudo, parece-se revelar que o amor a si é o mais importante.

Por fim, na terceira maneira de exercitar a alma, “Não demonstrarei a ninguém que estou magoado, posso até estar, mas só por hoje não o demonstrarei”, novamente, o outro é necessário para que o discurso da auto-ajuda funcione; pautado numa prática cristã de “amor ao próximo”, ele dissimula o bem ao outro, mas máscara a individualidade, mostrando ser egocêntrico, sobretudo, porque o pai ou a mãe do viciado, como co-dependentes, assim como o adicto, representam-se como “a” vítima da situação; um porque usa a droga, os outros por serem obrigados a viver com aquele que a usa. Essa representação *verdadeira* que cada um dos sujeitos fazem de si próprios é tido como “uma coisa não organizada propositadamente, sendo produtor não intencional da resposta inconsciente do indivíduo aos fatos, na sua situação” (GOFFMAN, 2007, p. 70). O efeito de sentido de “não demonstrar” é, por isso, nobre, pois se nega a própria mágoa àquele que a provocou. Boa ação, gentileza e generosidade que disfarçam um sentimento de autopiedade pela própria condição.

### 3 Considerações Finais

A análise do discurso que se diz de apoio é uma prática de reflexão que tem direcionado esta pesquisa e que procura problematizar a formação discursiva da autoajuda, a fim de compreender seu funcionamento sobre os sujeitos que a tomam como prática de vida. Ao afirmar, por meio da análise, que o discurso de apoio adotado pelos familiares de drogados promove ações individualistas, deseja-se deixar claro que isso se restringe ao material tomado para estudo, havendo a preocupação de não estabelecer associações simplistas entre o discurso e os indivíduos que dele participam (como seus promovedores ou interlocutores). Contudo, também, tem-se claro que, do discurso do Nar-Anon, outros efeitos de sentidos, não desejáveis, talvez, emergem, constituindo outro discurso. Entende-se ainda que, no decorrer do estudo, incursões aos primórdios da fundação de A.A. sejam imprescindíveis, pois se constituem nas condições de produção do discurso “atualizado” pelo Nar-Anon.

Entretanto, para finalizar, não se pode negar que o discurso aponta para uma orientação de vida voltada para o próprio bem patrocinada pelo outro, colocando em xeque as relações de generosidade e bondade que objetiva propagar. Eis, portanto, um problema para investigação.

### Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 20. ed. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CORTINA, Arnaldo. Recursos persuasivos nos textos de auto-ajuda. IN: FIGUEIREDO, Maria Flávia; MENDONÇA, Marina Célia; ABRIATA, Vera Lúcia Rodella (Orgs.). **Sentidos em movimento:** identidade e argumentação. Franca: Unifran, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** 14. ed. Trad. Maria Célia Raposo. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. IN: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso:** a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

PECHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et. al. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997a.

\_\_\_\_\_. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. 2. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 1997b.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et. al. **Papel da Memória.** Trad. e introd. José Horta Nunes. São Paulo: Pontes, 1999.